

BELVEDERE

Antônio Bandeira - E-mail: abf47@hotmail.com

PESQUISA

A um ano da eleição de 2010, a disputa pelo governo da Paraíba continua acirrada e polarizada entre o governador Zé Maranhão (PMDB) e o prefeito de João Pessoa, farmacêutico Ricardo Vieira Coutinho (PSB). É o que comprova a segunda pesquisa estadual sobre as eleições na Paraíba, realizada pelo Instituto Opinião/PB Agora. De acordo com a consulta, o prefeito Ricardo Coutinho tem 35,4% das intenções de votos e o governador José Targino Maranhão (PMDB) 34,6% na pesquisa estimulada, repetindo empate técnico registrado em maio de 2009, quando ambos apareciam com 33%. Polarizando a disputa, ambos estão com mais de 22% na frente do terceiro colocado, senador tucano Cícero Lucena (PSDB), que obteve 12,4% da preferência do eleitorado paraibano. Em quarto lugar, aparece, com 0,7% o professor David Lobão (PSOL). Indecisos 10,7%, brancos e nulos 6,2%. O instituto ouviu 1985 eleitores no Estado, inclusive em Itaporanga, Piancó, Conceição, Coremas e Ibiara.

Para o segundo turno, o resultado da pesquisa foi este: Ricardo 47,2%, Maranhão 37,4%, indecisos 8,8%, nulos 6,6%. Para um eventual segundo turno com Cícero Lucena, a pesquisa mostrou o seguinte: Ricardo 51%, Cícero 21,1%, indecisos 18%, nulos 9,2%. Com o provável apoio de Cássio Cunha Lima (PSDB) a Ricardo Coutinho, este venceria o pleito no primeiro turno. O Ibope mostrará a realidade, faltando vinte dias para as eleições.

LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pergunta 381. Por morte da criança, readquire o espírito, imediatamente o seu precedente vigor? Resposta: "Assim tem que ser, pois que se vê desembarca do seu envólucro corporal. Entretanto, não readquire a anterior lucidez, senão quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando nenhum laço exista entre ele e o corpo."

PORTUGUÊS

O hífen cabe ainda nas formações com os prefixos CIRCUM e PAN, quando o segundo elemento começa por vogal, M ou N e H. Circum-escolar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-mágico, pan-negritude.

COUTINHO

Ricardo Coutinho (PSB) esteve aqui, ultimamente, e manteve encontro, na Câmara de Vereadores, com simpatizantes de seu bloco, visando à sua candidatura a governador no próximo ano. A acolhida animou Coutinho, que obteve a certeza do apoio do PTB de Armando Abílio e de simpatizantes do ex-governador Cássio Cunha Lima. Ele revelou, em entrevistas, que Cássio vai apoiar-lo no primeiro turno e vai vencer no primeiro turno.

ADUTORA

Pedro Filho, chefe do escritório da Cagepa em Itaporanga, informa que a adutora vai ser construída, e os trabalhos deverão ser iniciados em outubro. A Cagepa lhe informou que o Estado vai investir cerca de 4 milhões de reais no novo sistema de abastecimento de Itaporanga, com duração de trinta anos. Adutora terá 8 km de água bruta, 24 km de rede coletora, um reservatório elevado, um reservatório apoiado e uma estação elevatória de água tratada. O projeto inclui ainda a implantação de 602 ligações domiciliares novas. O manancial que irá abastecer Itaporanga é o açude Cachoeira dos Alves, com capacidade de vazão de 105,1 litros de água por segundo. A cidade terá água em abundância até o ano 2027.

POPURRI

Edval Barreiro Lemos está inaugurando banca de advocacia em Itaporanga, na Av. Soares Madrugá, após mais de vinte anos distanciada da profissão de causídico. Ele será secundado por dois advogados sobrinhos e uma prima com atuação em Campina Grande.

Geraldo Antas, exonerado da 7ª Gerência de Ensino pelo governador Maranhão a pedido do ex-prefeito Antônio Porcino (PMDB), ainda não teve seu ato publicado no Diário Oficial. Para o seu lugar, irá o advogado Flamarião, neto de Zeca da Encernação, pai de Geraldo. Uma semana antes, Geraldo teve seu primeiro dissabor, quando foi exonerada da direção da Escola Joselita Brasileiro sua sogra, Maria do Desterro Alves. É o fogo amigo fazendo estragos.

Os carros de som vêm incomodando muito a população de Itaporanga, sem que as autoridades competentes tomem as devidas providências. As queixas se avolumam, e o povo espera uma ação da Justiça. João Deon Fonseca, da Sudema, já veio aqui três vezes tentar resolver o problema, mas tudo foi inútil.

A Semana do Idoso foi comemorada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, com participação de Edmilson e banda. O prefeito Djaci Brasileiro e a primeira-dama Kátia marcaram presença.

Circulam rumores dando como certa a candidatura de Expedito Leite a deputado estadual, com apoio de Antônio Porcino. Pela oposição, Lindolfo Pires terá o apoio em Itaporanga do ex-prefeito Will Rodrigues e o prefeito Djaci Brasileiro (PSDB). Rui Carneiro, que vai disputar uma cadeira na Câmara Federal, terá apoio de Will Rodrigues.

O governador Maranhão, que tem fama de ruim para o funcionalismo e de perseguidor, teve seu nome colocado no paredão pelos prestadores de serviço demitidos ultimamente em Itaporanga sem receberem o salário referente a julho. Eles trabalharam, mas o Estado não lhes pagou.

O ex-prefeito Antônio Porcino foi condenado a devolver dois milhões de reais pelo Tribunal de contas do Estado, por má aplicação do dinheiro em órgãos como as Oscips. Seus adversários mais intransigentes estão fazendo banzé com a notícia, mas ele pode se livrar da pecha mandando para a Câmara resolver a pendência. Alguns vereadores, de certo, irão atendê-lo.

A coluna se solidariza com o coronel-dentista Luciano Pires de Figueiredo no transe aflitivo do o infelicidade, juntamente com sua esposa, Eliane, depois que desapareceu em João Pessoa a filha Mariana, estudante de Biomedicina. Em Itaporanga, correntes de oração vêm sendo feitas com vistas a fazer Mariana retornar ao lar paterno.



Coronel Pires e sua filha Mariana, quando ainda era criança

Ricardo Coutinho: propostas, conflitos e alianças para 2010

Ricardo Coutinho (foto), 48 anos de idade, divorciado, professor universitário, filiado ao PSB e nascido em Jaguaribe, João Pessoa. Atualmente é prefeito reeleito da Capital e pretende disputar o Governo do Estado no próximo ano. Em uma de suas raras visitas ao Vale, esteve em Itaporanga no final da manhã do sábado, dia 26 de setembro, participando de um debate sobre orçamento participativo.

Em uma entrevista exclusiva à Folha, o prefeito de João Pessoa abordou diversos assuntos: política estadual e nacional; criticou seu ex-alocado, José Maranhão (PMDB), e fez elogios ao seu possível futuro aliado, Cássio Cunha Lima (PSDB); também revelou sua visão sobre o Estado e seus planos para administrá-lo.

Folha: É a primeira vez que vem ao Vale? E o que o senhor sabe sobre a região?

Ricardo: Não, não é a primeira vez. Estive aqui há seis anos. Como prefeito de João Pessoa estive aqui também na região há dois anos atrás. Então, não é a primeira vez. Evidentemente que nos últimos cinco anos minha mobilidade pelo Estado teve que ser reduzida necessariamente. Nós tivemos uma espécie de trabalho muito árduo. Tivemos que colocar a casa em ordem. Estava completamente destruída a Prefeitura de João Pessoa. Tivemos que colocar em ordem e começar a colocar as políticas públicas que nós acreditávamos e defendemos durante vinte anos. Então isso fez com que eu viajasse menos nos últimos cinco anos. Mas aqui no Vale eu tenho uma referência positiva. Acho que é uma região com potencial extraordinário. Acho que é uma região que dá pra avançar muito na construção, na definição de um pólo têxtil, um pólo de confecções, um pólo de microempresários que possa cobrir esta região, que possa escoar, inclusive, uma parte, fazendo com que os milhões de dinheiros que saem todos os meses para Pernambuco, na área de confecções, particularmente na região de Toretama, Capibaribe, enfim, toda aquela região, que as pessoas vão lá comprar para poder revender na Paraíba, possam ser compradas no próprio Estado da Paraíba. A minha visão é que nós precisamos incentivar vários pólos em regiões distintas para favorecer exatamente uma atividade que emprega muito e que, ao mesmo tempo, tem uma, eu vou chamar de resolutividade financeira bastante expressiva, que é o fato de você ter a capacidade de produzir e de vender. O segundo aspecto importante do Vale é a sua lâmina d'água. É uma das maiores do Nordeste. Nós temos muita água acumulada. O problema é que nada foi feito sobre o que fazer com essa água. E aí eu cito pisciculturas: você tem experiências sem apoios, muito frátil. E eu cito também a questão da fruticultura irrigada. Isso são necessidades, não tenho a menor dúvida disso. Aqui nas várzeas de Sousa nós precisamos ter a capacidade, ter a coragem e a determinação de investir na fruticultura irrigada com possibilidades de exportação, como faz, por exemplo, o Rio Grande do Norte, que pega água do Rio Piranhas, que nasce por aqui, que corta o Estado da Paraíba, e que não é aproveitado um litro d'água para fazer agricultura irrigada e chega lá no Rio Grande do Norte e vira a fonte de um grande e produtivo pólo de fruticultura irrigada, que vende muitas frutas para a Europa, principalmente. Na verdade, você precisa desenvolver cada região a partir das suas especificidades regionais.

Folha: No Vale, especialmente em Itaporanga, quais são as lideranças que tendem a marchar com o senhor na disputa pelo Governo do Estado?

Ricardo: Olha, fui procurado e estou aqui a convite do PTB de Berguinho, de Herculano, de Valeriano, nós temos o PPS, o PP, os companheiros do PT que estão dentro de uma disputa interna, mas estão conosco nessa caminhada, comigo e com Luiz Couto, para o Senado, enfim, e nós estamos abertos porque, como eu disse, uma nova hegemonia não se constrói com exclusão. Se alguém for pensar em excluir, ele não vai ter capacidade de ser hegemônico. Hegemônico é ter maioria. É um pensamento que significa maioria.

Folha: Sua atuação política sempre foi mais centrada na Capital. Diante disso e partindo para o debate no plano estadual com figuras que, teoricamente, hoje conhecem mais profundamente a Paraíba: o senhor poderá sofrer alguma desvantagem nesse debate?

Ricardo: Eu, nenhuma. Primeiro porque eu não vou fazer a política clientelista, demagógica, do sítio de seu fulano, da casa de ciclano. Eu vou fazer uma política para a Paraíba. Se fosse candidato e ganhasse, operaria a política no Estado de desconcentração do desenvolvimento da economia, que pressupõe a valorização das microrregiões a partir daquilo que elas têm. Nesse sentido, eu não posso personalizar. Eu não quero dizer as pessoas. Eu quero que a população me diga. Essa é a diferença central. Eu criei o Orçamento Democrático em João Pessoa. Um exemplo vivo e pujante de democracia participativa. Eu quero fazer isso no Estado. Precisamos fazer isso no Estado. Eu quero que o Estado, anualmente, escute empresários, trabalhadores, segmentos, associações populares para definir prioridades de cada região. Teve um cidadão aí que quer ser candidato também, que disse que eu tava viajando para começar a aprender. Eu estou fazendo isso mesmo, viajando pra aprender. Eu tenho capacidade de aprender e não tenho medo de aprender. Agora eu também sei ensinar algumas coisas, e não são coisas erradas. Não são coisas feias. São coisas positivas. São coisas de construção de um outro tipo de poder, que é o poder popular, é isso que efetivamente me move.

Folha: O senhor sempre teve uma visão crítica sobre a postura político-administrativa dos Cunha Lima, mas hoje, surpreendentemente, está prestes a dividir o palanque com Cássio. Como o senhor responde a provocação de que isso é uma incoerência?

Ricardo: O homem é coerente ou incoerente de acordo com o que ele faz. De acordo com as idéias que ele defende. Eu, nesse sentido, na minha prática, nas minhas idéias, eu me considero uma pessoa absolutamente coerente. Retilneamente coerente. Eu passei vinte anos da minha vida dizendo e falando e defendendo sobre inversão, não só eu, vários outros companheiros, porque isso não é produção minha evidentemente, mas sobre inversão de prioridade, democratização da gestão, consistência nas políticas públicas, zelo com o dinheiro público e transparência pública, ou seja, isso eu acredito mais do que nunca e coloco em prática, o que é importante. Aliança não é uma questão de princípio. Aliança é uma questão de estratégia eleitoral. Sempre foi, e é vai continuar sendo na história da humanidade, na guerra, na política e até nos negócios. Ou seja, se você faz uma aliança sobre um programa, sobre um compromisso de fazer isso ou aquilo, como eu tenho defendido esses compromissos, eu não tenho nenhum problema em conversar com quem pensa diferente de mim. Isso existiu em 2004. Em 2004, eu me aliei, e recebi muitas críticas por isso, com José Maranhão,

e com o PMDB, que era, naturalmente, considerado uma força conservadora, com idéias completamente diferentes, e contra quem eu tinha feito oposição na Assembléia Legislativa. Nós provamos que era possível fazer as coisas avançarem. No caso específico de Cássio Cunha Lima, eu quero dizer que não houve qualquer discussão, apenas da imprensa. Se fôssemos tratar sobre o que sai na imprensa seria um caos. Até porque tem certas impressas que especulam muito mais no sentido de criar factóides, de alcançar os seus objetivos, que são políticos, do que propriamente relatar a verdade. Essa, infelizmente, é a verdade em relação a uma parte da imprensa. Com Cássio Cunha Lima, é fundamental perceber o seguinte, ou com qualquer um outro: primeiro, nós não discutimos nada; segundo, essa discussão vai se dar no próximo ano; terceiro, eu não tenho receio de fazer aliança porque eu tenho segurança daquilo que penso. Só os fracos é que têm medo de fazer uma aliança com os diferentes, e aliança não se faz com os iguais não. Os iguais já estariam dentro do mesmo partido. Aliança se faz com os diferentes.

Folha: No Vale, especialmente em Itaporanga, quais são as lideranças que tendem a marchar com o senhor na disputa pelo Governo do Estado?

Ricardo: Olha, fui procurado e estou aqui a convite do PTB de Berguinho, de Herculano, de Valeriano, nós temos o PPS, o PP, os companheiros do PT que estão dentro de uma disputa interna, mas estão conosco nessa caminhada, comigo e com Luiz Couto, para o Senado, enfim, e nós estamos abertos porque, como eu disse, uma nova hegemonia não se constrói com exclusão. Se alguém for pensar em excluir, ele não vai ter capacidade de ser hegemônico. Hegemônico é ter maioria. É um pensamento que significa maioria.

Folha: Sua atuação política sempre foi mais centrada na Capital. Diante disso e partindo para o debate no plano estadual com figuras que, teoricamente, hoje conhecem mais profundamente a Paraíba: o senhor poderá sofrer alguma desvantagem nesse debate?

Ricardo: Eu, nenhuma. Primeiro porque eu não vou fazer a política clientelista, demagógica, do sítio de seu fulano, da casa de ciclano. Eu vou fazer uma política para a Paraíba. Se fosse candidato e ganhasse, operaria a política no Estado de desconcentração do desenvolvimento da economia, que pressupõe a valorização das microrregiões a partir daquilo que elas têm. Nesse sentido, eu não posso personalizar. Eu não quero dizer as pessoas. Eu quero que a população me diga. Essa é a diferença central. Eu criei o Orçamento Democrático em João Pessoa. Um exemplo vivo e pujante de democracia participativa. Eu quero fazer isso no Estado. Precisamos fazer isso no Estado. Eu quero que o Estado, anualmente, escute empresários, trabalhadores, segmentos, associações populares para definir prioridades de cada região. Teve um cidadão aí que quer ser candidato também, que disse que eu tava viajando para começar a aprender. Eu estou fazendo isso mesmo, viajando pra aprender. Eu tenho capacidade de aprender e não tenho medo de aprender. Agora eu também sei ensinar algumas coisas, e não são coisas erradas. Não são coisas feias. São coisas positivas. São coisas de construção de um outro tipo de poder, que é o poder popular, é isso que efetivamente me move.

Folha: Como o senhor avalia a atitude do seu ex-aliado, Zé Maranhão, de estar usando o poder estadual para esvaziar seu partido e também comprometer o apoio integral do PT à sua candidatura ao governo?

Ricardo: Olha, eu acho que cada um dá aquilo que tem. Tem gente que só sabe fazer política, a política de antigamente, política dos coronéis, política do "eu posso, mando, quebro e faço". A política do poder público oprimindo os outros poderes públicos, oprimindo o cidadão, oprimindo os trabalhadores. Eu sou de uma outra geração de pensamento. Não é nem geração de idade que eu tô



colocando. Geração de idéias. Eu acredito num outro tipo de poder, no poder popular. Vim dos movimentos sociais, vim dos movimentos populares e vou continuar assim, no debate. Eu defendo aquilo que acredito. Então, nós que viemos desse outro campo, nós só podemos lamentar porque alguns até acreditavam que houvesse tido alguma mudança no comportamento, na forma, porque era essa a promessa aos partidos que apoiaram em 2006. Era essa a promessa, de reciclagem, de mudança, do comportamento, das práticas, de respeito, respeitar. O que nós vimos foi completamente diferente. O PSB, que pra você ter uma idéia, eu, Ricardo Coutinho, disputei duas eleições tendo no governador um adversário: Cássio Cunha Lima. Cássio Cunha Lima disputou duas eleições tendo na Prefeitura da Capital um adversário: Ricardo Coutinho, mas você nunca viu, em nenhum momento, o Estado tá se batendo contra a Prefeitura e a Prefeitura se batendo contra o Estado. Em nenhum momento. Você nunca viu nenhum de nós dois, por exemplo, com baixaria. Sempre foi uma coisa que não existiu e por uma razão muito simples: não era favor de ninguém não, era uma obrigação ética. Não dá para você confundir as coisas. Eu não me sinto no direito de usar a Prefeitura de João Pessoa para fazer campanha de quem quer que seja, inclusive a minha. Por exemplo, eu dupliquei a Pedro II pegando uma parte do terreno da rádio Tabajara. Por telefone, eu falei com o governador e disse: eu preciso do terreno; e ele disse: "pode botar a máquina, depois nós mandamos o projeto para a Assembléia". Nós botamos a máquina, um mês depois o projeto foi, foi aprovado, a máquina já tinha destruído tudo, já tava terraplenando, já tínhamos tomado posse de uma coisa que nem havia ainda nos dado direito. Da mesma forma o saneamento do Bessa, que a Prefeitura tinha o projeto, tinha pago quase 500 mil reais pelo projeto executivo que o Estado estava desenvolvendo e que hoje o atual governador trocou as placas e colocou as dele, como se fosse uma coisa nova, a Prefeitura doou. A prefeitura pegou e deu o projeto de saneamento, além de muitas e muitas outras possibilidades em parceria que foram feitas. O partido que eu presido passou a ser tão desprezado, tão atacado, tão desrespeitado. Por quê? - Qual é o motivo pra isso? Por que de fevereiro pra cá você percebeu claramente uma parte da mídia, a mando do Estado, atacar de uma forma tão seguida o próprio PSB? Você percebeu que algumas pessoas, tudo bem que nunca foram socialistas, nunca tiveram esse histórico, nunca construíram o partido, mas foram eleitas pelo partido, passaram a criar tantos problemas dentro do partido, tentando passar uma idéia de que o partido estava em crise, mas não tem crise nenhuma. O PSB tá sólido. O PSB sabe o quer. O PSB tá construindo um caminho junto com outras forças, um caminho para melhorar a Paraíba, para fazer a Paraíba avançar.

Folha: Com Cássio hoje sendo ex e o senhor prestes a ser o novo carrasco político de Maranhão, o Sistema Correio começa uma campanha difamatória contra o senhor e contra sua gestão. Aliás, todo grande grupo político da Paraíba controla uma parte da chamada grande imprensa estadual. Por que na Paraíba a imprensa não consegue avançar moralmente e aprimorar-se jornalisticamente, ou seja, continua pequena e provinciana?

Ricardo: Olhe, eu acho que isso aí dá uma tese, uma tese acadêmica e bastante profunda. Aí é buscar raízes, raízes políticas. Aí é conhecer a história do nosso Estado, que é uma história difícil. Do ponto de vista dos interesses populares é uma história difícil, uma história de muita luta, de muita resistência, de muitos insucessos. Pra você ter uma idéia, eu não tenho nenhum orgulho disso não. Eu gostaria que essa situação fosse muito diferente. A candidatura que eu

representei, o governo que eu represento foi a primeira experiência democrática popular com a eleição de alguém advindo dos movimentos sociais, dentro da história da Paraíba. Com relação, especificamente, a um determinado veículo que esteja fazendo campanha agressiva contra, eu não vou comentar isso. Agora o que eu posso comentar é que mentira tem pernas curtas, venha de onde vier.

Folha: Os últimos governos da Paraíba têm concentrado seus investimentos nos grandes centros eleitorais do Estado. Ou seja, a intenção é o voto? Por que isso? Porque repercuta mais colocar um bico de luz numa praça de João Pessoa do que fazer uma adutora para matar a sede, por exemplo, de um pequeno município como Serra Grande ou Itaporanga. Há condições de se mudar isso na Paraíba?

Ricardo: Não só há condições como há uma necessidade. Precisa ser mudado. Esse modelo não se sustenta. Tem aqueles que acham que isso vai continuar porque vão chegar na campanha e derramar dinheiro, vão comprar prefeitos. Esse modelo não se sustenta e as pessoas estão cientes disso. E se tem uma coisa que a gestão em João Pessoa serviu foi aumentar o nível de exigência das pessoas. As pessoas estão mais exigentes. Dá mais trabalho? Dá muito mais trabalho para quem governa. No caso, eu que estou lá dá muito mais trabalho. Porém, as pessoas, a partir do momento que sabem que é possível fazer mais, elas passam a querer cada vez mais. É uma coisa natural e importante. Mas nós investimos com isso. João Pessoa não é só uma cidade. João Pessoa é a capital dos paraibanos.

Folha: O senhor é aliado do presidente Lula, mas por uma questão partidária poderá não votar em Dilma. Como é que o senhor avalia a questão nacional.

Ricardo: Com muita naturalidade. Apóio, sempre apoiou o presidente Lula. Meu partido, o PSB, sempre apoiou o presidente Lula, vamos continuar apoiando, e temos o direito de, efetivamente, lançar uma candidatura própria, e quando for o segundo turno, as forças políticas que compõem esse campo deverão de se juntar, é natural isso. Não tem, absolutamente, nenhum problema. Nós temos ainda muito tempo pela frente. As possibilidades de composição existem. Mas Ciro Gomes é um excelente quadro. É um homem que compreende muito, mas muito mesmo os desafios do Brasil. Ciro Gomes entende de Economia. Ciro Gomes tem um currículo de fibra, de determinação. Diz aquilo que pensa, o que é importante num político.

Folha: Fale um pouco de sua origem e de sua trajetória de vida pública.

Ricardo: Eu tenho 48 anos. Eu sou filho de um pequeno produtor rural e de uma costureira. Minha mãe ainda está viva, naturalmente não trabalha mais porque já tem 84 anos, e eu sou farmacêutico, formado na Universidade Federal da Paraíba. Sou funcionário da Universidade concursado. Sou pessoense, nasci no bairro de Jaguaribe. Desde o ano de 1999, eu estou licenciado da Universidade que eu trabalho, sem vencimento, para poder me dedicar, no caso, a deputado estadual e agora a prefeito. Eu fui da Central Única dos Trabalhadores, fiz o Movimento Sindical, participei da luta dos Trabalhadores da Saúde do Estado, fui do Sindicato da Universidade, do Sintep e, ao mesmo tempo, fui eleito em 92 vereador em João Pessoa. Fui reeleito vereador em 96 com a maior votação de João Pessoa. Fui eleito deputado estadual em 98, e fui reeleito deputado estadual em 2002 com a maior votação da Paraíba, até hoje. Em 2004 fui eleito prefeito de João Pessoa. Fomos a principal candidatura de oposição do Brasil a ter uma maior votação, nós tivemos 65% dos votos. Em 2008, fui reeleito prefeito da capital paraibana com 75% dos votos. Eu sou uma pessoa, digamos, assim, de segmento médio. Não tenho nenhum tipo de negócio. Não tenho nenhum tipo de comércio. Vivo, efetivamente, do salário que eu possa ter proveniente do trabalho. Tô na política não pra ficar rico, mas para desempenhar algo que eu sempre acreditei na minha vida. Fazer aquilo que precisa ser feito para que na Paraíba a população, em qualquer parte, tenha qualidade de vida. Isso é uma coisa que se faz com muita luta, percepção e com muito planejamento.